

---

## Ainda Existe Periodicidade no Jornalismo? O Regime de Publicação na Lógica do Processo Produtivo do Jornalismo Digital<sup>1</sup>

Roseli Figaro<sup>2</sup>  
Cláudia Nonato<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### Resumo

Este artigo traz uma discussão sobre o atual papel da periodicidade (ou regime de publicação) no jornalismo nativo digital. Para tanto, faz uma recuperação teórico conceitual de autores que analisaram a periodicidade no jornalismo a partir da classificação de Otto Groth (2011) e propõe uma alternativa a ele com base nos resultados da pesquisa *Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*, realizada pelo CPCT-ECA/USP entre 2018 e 2020. Nessa investigação, regime de publicação é uma das categorias teórico-metodológicas criadas para analisar o material empírico coletado da produção de 30 arranjos do trabalho jornalístico de São Paulo. Entre as conclusões, está que a noção de tempo como periodicidade não existe mais no online/digital na mesma medida dos processos analógicos.

**Palavras-chave:** jornalismo digital; periodicidade; regime de publicação; arranjos econômicos alternativos; CPCT-ECA/USP

### Introdução

Madrugada de primeiro de agosto de 2021, Olimpíadas de Tóquio, no Japão. Rebeca Andrade ganha a segunda medalha e consagra-se como a primeira mulher ginasta brasileira campeã olímpica e a primeira atleta do Brasil a ganhar duas medalhas (prata e ouro) numa mesma edição das Olimpíadas. Um feito histórico, que repercutiu imediatamente em todos os portais noticiosos, emissoras de rádio e televisão do país. Na manhã seguinte, segunda-feira, Rebeca tentaria sem sucesso a terceira medalha. O Brasil já havia comemorado o feito anterior durante todo o domingo, e estava exaurido pelo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora livre-docente, coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação e do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, ambos da Universidade de São Paulo. E-mail: [roseli.figaro@gmail.com](mailto:roseli.figaro@gmail.com)

<sup>3</sup> Vice coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, da Universidade de São Paulo. E-mail: [claudia.nonato@uol.com.br](mailto:claudia.nonato@uol.com.br)

excesso de notícias sobre a ginasta. Na contramão desse processo, a capa dos principais jornais impressos do país ainda trazia a conquista do dia anterior, sem causar qualquer impacto informativo ou noticioso aos leitores. Tal fato nos faz refletir sobre as mudanças que a instantaneidade das redes traz para uma das principais categorias do jornalismo: a periodicidade. Este ainda é um dos critérios fundamentais para as instâncias que hoje movimentam as rotinas produtivas e de circulação da notícia?

É a partir dessa questão que este artigo pretende discutir. Se a atualidade estrutura o jornalismo, e hoje há mudanças na maneira de narrar, na relação com o tempo e na nossa inserção do cotidiano, como se apresenta a periodicidade no jornalismo? A proposta é refletir a partir das conclusões da pesquisa *Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*<sup>4</sup>, realizada entre 2018 e 2020 pelo CPCT/ECA-USP<sup>5</sup>. Essa investigação trata da fase 2 de outra pesquisa, publicada em 2018<sup>6</sup>, cujo objetivo era estudar o jornalismo produzido pelos novos arranjos do trabalho dos jornalistas de São Paulo. O estudo exigiu o desenvolvimento de categorias que pudessem permitir a análise de aspectos do processo produtivo e das lógicas de circulação desses produtos. Nesse escopo, as categorias periodicidade e critérios de noticiabilidade mostraram-se restritas e não permitiram entender as lógicas produtivas do jornalismo digital produzido por esses arranjos (FIGARO, 2020), fatos que trouxeram novas indagações e nos direcionaram a buscar outros ferramentais teórico-metodológicos para a análise. Diante dessas questões, o objetivo deste artigo é discutir sobre o papel da periodicidade (ou regime de publicação, como veremos mais adiante) no jornalismo nativo digital. Para tanto, faremos breve recuperação teórico conceitual de autores que analisaram a periodicidade no jornalismo, para, em seguida, argumentarmos em favor do conceito de regime de publicação.

## **O papel da periodicidade no jornalismo**

A atualidade é um dos eixos estruturantes do jornalismo. Porém, as mudanças nos processos produtivos e em suas tecnologias transformaram a noção social de tempo e de

---

<sup>4</sup> Os relatório completo está disponível no endereço [www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho](http://www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho)

<sup>5</sup> Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, certificado e apoiado pelo CNPq.

<sup>6</sup> O título original do Projeto é *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia: produção jornalística*.

espaço, fazendo com que o eixo da atualidade, materializado na periodicidade, precise ser repensado e reavaliado. A periodicidade tem a ver com a industrialização do jornalismo, com um tipo de maquinaria, com determinado modelo de negócio. O termo está vinculado à noção de tempo, ao relógio, que delimita o deadline para a conclusão, publicação e circulação das notícias. Um produto acabado, impresso ou gravado, que mantinha a integridade de sua unidade em um único formato. O domínio do discurso jornalístico estava mais bem demarcado de outros domínios discursivos, por exemplo, o espaço da publicidade.

Mas se a relação com o tempo muda, se comprime e se torna mais densa por conta das possibilidades do processo produtivo, de suas rotinas e tecnologias, essa inserção na narrativa do cotidiano também é alterada, assim alteram-se os formatos e o produto jornalístico. Desse pressuposto, o jornal atualizado como “diário” não cabe na lógica atual, que modifica a noção de tempo e atualidade e impacta a nossa percepção enquanto leitores e produtores de notícia.

Quando se trata de periodicidade, o professor e jornalista alemão Otto Groth é referência, por ser bastante citado em estudos empíricos. Ele é reconhecido por ter dividido, na primeira parte da obra *O Poder Cultural Desconhecido. Fundamentos das ciências dos jornais* (2011), as características do jornalismo em *periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade*. É a partir da classificação de Groth que diversos autores (GENRO FILHO, 1987; FIDALGO, 2004; MEDITSCH e SPONHOLZ, 2011; BERGER, 2011; XAVIER e PONTES, 2019; MARQUES DE MELO, 2020) analisaram, em diferentes épocas, a *periodicidade* como uma propriedade intrínseca do jornalismo, no entanto, dependente do período histórico do desenvolvimento das técnicas e dos transportes.

O ritmo do jornal se estabelece a partir do sujeito moderno, que se tornou pontual sob a pressão da concorrência capitalista. A implementação tecnológica da vida em sociedade reconfigura o processo de produção do jornal. “Os períodos do jornal só se tornaram constantes quando a técnica e a organização da notícia possibilitaram o recebimento regular, seguro do material, quando a técnica de impressão permitiu a reprodução rápida e o correio e o trem também propiciaram a propagação imediata” (GROTH, 2011, p. 161, *apud* XAVIER e PONTES, 2019, p. 42)

Groth considerava a materialidade do jornal e os seus métodos de produção como fatores externos à estrutura do jornal, por este ser uma obra cultural e, naturalmente, uma

realidade de sentido (FIDALGO, 2004). Para o autor alemão, a periodicidade é a característica que mais diferencia o jornal de outras obras, como os livros, por exemplo, e a natureza temporal é a essência de periódico, que só seria ideal se conseguisse atingir a simultaneidade do acontecimento e da notícia. Para entender a periodicidade no jornalismo online, essa simultaneidade é, para Fidalgo (2014), mais importante que a regularidade:

É que a medida da periodicidade, além de ser ditada pelos condicionamentos físicos, económicos, logísticos da produção do jornal, é sobretudo determinada “pelas necessidades e finalidades do homem”, ou seja, é determinada objectiva e subjectivamente, com ênfase no elemento subjectivo, pois que, enquanto elemento de uma obra cultural, a periodicidade é necessariamente teleológica. Sem dúvida que a grande vantagem do jornalismo radiofónico relativamente à imprensa e à televisão é de a sua periodicidade ser muito superior e de se aproximar mais do ideal da simultaneidade. (FIDALGO, 2014, p. 4)

Marques de Melo (2020, p. 124), estabelece conexões entre as quatro características propostas por Otto Groth, mas relaciona a periodicidade à difusão, por corresponder “à possibilidade tecnológica de transmissão dos acontecimentos, de modo a torna-los acessíveis à coletividade”. A partir desse ponto de vista, o autor pensa a periodicidade como *conceito de tempo*, mas prefere assumir a ideia de *oportunidade*, “configurando-se a partir do canal que torna viável a difusão”.

Seixas (2011), assim como Groth, considera a periodicidade uma propriedade do jornalismo e vai além, ao afirmar que um site de notícias com atualização contínua e sem periodicidade (no sentido da constância), “é dotado da periodicidade identidade”, porque: “1) pode ter diferentes periodicidades para diferentes composições, seções e produtos como blogs ou infográficos; e 2) a continuidade da atualização é sua identidade de “site noticioso”, diferentemente de um especial, de uma revista eletrônica, de um blog”. A autora complementa, afirmando que “o próprio adjetivo “noticioso” fortalece o conceito de notícia, da *hard News*”(SEIXAS, 2011, p. 169).

Na contramão desses autores, Adelmo Genro Filho (1987, p. 29) considerou em sua pesquisa que as quatro características fundamentais apontadas por Otto Groth não caracterizam a essência do jornalismo. Para ele, ao afirmar a significação do periódico como mediador na comunicação de bens imateriais, o autor alemão permanece em um

terreno genérico e abstrato. E questiona: “o que é preciso definir é a especificidade desses bens imateriais produzidos por essa estrutura jornalística historicamente determinada. Noutras palavras, qual o tipo de conhecimento produzido pelo jornalismo?” A resposta vem no parágrafo seguinte:

Aqui já temos, portanto, outra delimitação teórica do objeto, distinta daquela construída por Groth. E um outro método: já não se trata apenas de distinguir a racionalidade de uma comunidade subjetiva de indivíduos que trocam bens simbólicos, mas de compreender como as condições históricas – em primeiro lugar, as condições objetivas – produziram a necessidade dessa reciprocidade subjetiva e, sobretudo, a especificidade dos bens simbólicos que nasceram dela. Trata-se de, sob esse prisma, descobrir as ambiguidades e contribuições do fenômeno jornalístico diante da dominação e da luta de classes no capitalismo, buscando inclusive perscrutar as potencialidades que se abrem ao futuro. (GENRO FILHO, 1987, p.29)

Embora o jornalismo tenha se modificado nos últimos anos, as reflexões de Groth não perderam valor científico para a compreensão da prática. Para Meditsch e Sponholz “continua sendo atual e urgente entender que o jornalismo é ditado pelas leis da atualidade e da universalidade, que ao mesmo tempo o limitam e o expandem e o diferenciam nitidamente da ciência e da literatura” (2011, online). Fidalgo (2004, p.1) destaca não apenas as transformações que a Internet trouxe para as práticas cotidianas, mas também para a natureza do jornalismo, que sofreu uma radical transformação, colocando em dúvida, inclusive, as fronteiras do que é e do que não é jornalismo. Daí vem, a relevância, para o autor, de “averiguar as alterações que se verificam com a informação online para o jornalismo, ou para o que se entende por informação jornalística tradicional, porque o que está em causa é o próprio jornalismo”.

### **Periodicidade ou regime de publicação? A prática dos arranjos alternativos de jornalismo**

Se o que está em causa é o próprio jornalismo, pois a atualidade é o valor estruturante desse domínio discursivo, como categorizar adequadamente as profundas mudanças ocorridas no processo produtivo da informação jornalística? A notícia da medalhista brasileira ficou defasada no jornal impresso, porque já havia um novo fato e o *online* pode reportá-lo com pulso na atualidade.

---

A noção de tempo como periodicidade, ou seja, tempo estruturado e demarcado, não existe mais no *online* na mesma medida dos processos analógicos. Não temos diários, vespertinos, mensários, semanários.

A atualização é correlacionada às condições de produção e à capacidade de circulação do produto jornalístico. Para além dessa lógica, há a possibilidade constante de correções, ampliações e aprofundamentos a depender da repercussão do fato. A suíte no jornal impresso desdobrou-se no acompanhamento dos acontecimentos em instantes, horas ou dia. Essas possibilidades dependem muito mais da linha editorial e da agilidade das condições de produção *online*, criando outras noções e relações com a notícia.

Cria-se, assim, a oportunidade de um tempo distendido, não cartesiano, cujo compromisso é com o tema e o fato que se quer tratar a depender da circulação e da repercussão do produto jornalístico.

Dessa forma, temos uma variedade de tempos e de atualizações da informação “atual”. Reiteramos, ser atual depende do nicho e da linha editorial do veículo. Essa constatação foi sendo feita à medida que a pesquisa<sup>7</sup> sobre *Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia* (FIGARO, 2020 e 2021) avançava. O *corpus* em análise contestava as noções de periodicidade, reorganizando o cenário do que se entende por atualidade.

Frente a este fato, foram desenhados gráficos das frequências de publicação de cada arranjo jornalístico e o resultado apontou datas em que o número de publicação era maior e em ritmo mais acelerado. A título de exemplo, tomamos aqui um desses arranjos jornalísticos.

A Agência Pública ([apublica.org.br](http://apublica.org.br)) identifica-se como:

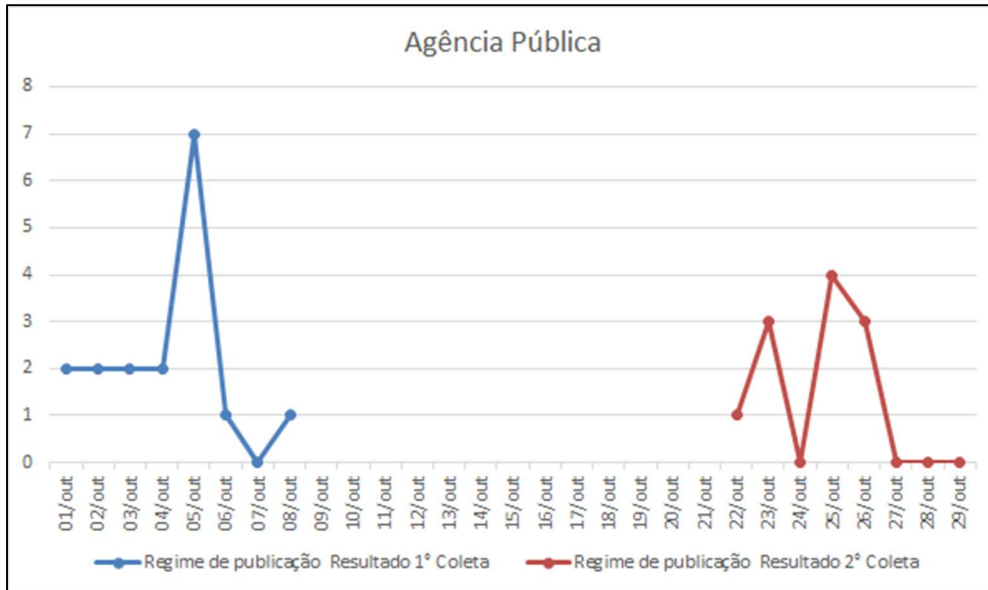
a primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil. Todas as nossas reportagens são feitas com base na rigorosa apuração dos fatos e têm como princípio a defesa intransigente dos direitos humanos.” (disponível em [sobre <apublica.org.br >](http://apublica.org.br), 06/08/2021).

---

<sup>7</sup> Para a execução da fase da pesquisa em análise, deliberou-se pelo acompanhamento da produção jornalística de cada um dos 29 arranjos durante duas semanas: de 01/10 a 08/10/2018; e de 22 a 29/10/2018, primeiro e segundo turnos das eleições de 2018. Por meio do *software* Nvivo coletou-se a produção dos respectivos sites dos arranjos; e por meio do *software* Netlytic a produção veiculada no Facebook e no Twitter.

A contribuição dessas jornalistas é inestimável por sua relevância e qualidade. No período da pesquisa, uma semana antes do primeiro e do segundo turnos das eleições de 2018, o material jornalístico publicado permitiu em termos de quantidade o que mostra o Gráfico 1. Nele se identificam as datas com maior e menor fluxo de publicação.

**Gráfico 1 – regime de publicação Agência Pública**



Fonte: Arquivo CPCT, 2018. Regime de Publicação do site Agência Pública

A data de 5 de outubro de 2018 foi a que apresentou maior número de postagens no primeiro turno; e o dia 25 de outubro a de maior número de postagem no segundo turno. Datas que antecederam as eleições e nas quais a polêmica e os embates entre as campanhas se intensificaram.

O Quadro 1 mostra as publicações no Facebook também no dia 5/10/2018, vê-se que não há um ritmo constante nas publicações. Nenhuma lógica explica as datas e os intervalos a não ser o regime de publicação que evidencia como funciona o dispositivo comunicacional (FIGARO, GROHMANN, 2017, MAINGUENEAU, 2001), operado pela Agência Pública, em consonância com as condições de produção da equipe do arranjo jornalístico e com sua linha editorial.

### Quadro 1

2018-10-05 08:44:50	INÉDITO. Levantamento da Pública mostra que dos 3,3 milhões de títulos anulados pelo TSE mais de 1 milhão foi em municípios pequenos com 25% da população em situação de pobreza.
2018-10-05 11:29:32	Fake news sobre urnas eletrônicas. O Brasil não é o único a adotar o sistema: em países como Canadá, a Índia e em alguns estados norte-americano também é assim.
2018-10-05 16:15:16	Falso! Jair Messias Bolsonaro usou documento com teses internas de vertentes do Partido dos Trabalhadores para dizer que Fernando Haddad quer desmilitarizar polícias e revogar Lei da Anistia.
2018-10-05 18:04:15	Errou, Geraldo Alckmin. Nem o Banco Mundial nem o FMI têm dados que comprovem que a oferta de crédito no Brasil é metade da chilena.
2018-10-05 20:00:01	Fernando Haddad acertou: encontramos nove países com índices de desigualdade semelhantes ao do Brasil, e em sete deles a violência é inferior à registrada aqui.

Fonte: pesquisa CPCT/ banco de dados 2018.

Há relação entre as publicações no site e no Facebook. O fact-checking da Agência Pública também repercutiu no Facebook.

Esse exemplo se repete com os demais arranjos analisados. A periodicidade não serve como categoria para identificar o jornalismo que se produz. Foi essa constatação que nos levou a Roger Chartier, *Ordem dos livros*, 1999, e a seu conceito de ‘regime de publicação’. Para o autor:

Inscrita nos próprios livros, ordenando as tentativas que visam ordenar o inventário das obras, comandando o regime de publicação dos textos, a função-autor está, apesar de tudo, no centro de todos os questionamentos que ligam o estudo da produção de textos ao de suas formas e seus leitores. (1999, p.58, nosso destaque)

Regime de publicação, portanto, é a sistemática que envolve todo o processo editorial e ao qual a função-autor está de certa maneira vinculada. Essa contribuição de Chartier requereu um levantamento sobre o uso desse termo. A surpresa foi encontrar manifestações desse uso para diferentes tipos de publicações. Desde um edital até artigos científicos, reportando seu uso a produção de revistas, de artigos e de *softwares*. Outro exemplo interessante desse uso, com ênfase no sema tempo, periodicidade, foi encontrado na análise da produção científica sobre um *software*, no artigo “Confiabilidade de Software: Um



---

mapeamento sistemático da última década, em *Conference Paper*, de 2014, no qual se registra:

Sugere-se a hipótese de que este pequeno número de trabalhos experimentais seja devido a duas razões principais: (i) dados experimentais em SRE são muito limitados; (ii) produzir dados de confiabilidade de software por meio de experimentos tipicamente requer muito tempo, que, por vezes, não é atrativo para o regime de publicação científica em vigor atualmente.” (XAVIER, et.al. 2014)

O excerto acima permite inferir que o campo de sentidos relativo a regime de publicação refere-se aos procedimentos vinculados ao tempo de submissão, aprovação e publicação de artigos científicos. O tempo de pesquisa empírica é mais longo, daí publicam-se menos artigos em relação à escala de produção de pesquisa teórica.

Há vários outros exemplos similares que esclarecem os sentidos dos usos do termo regime de publicação. Em todos eles, a noção de tempo está vinculada aos processos produtivos e de circulação editorial, corroborando o uso proposto.

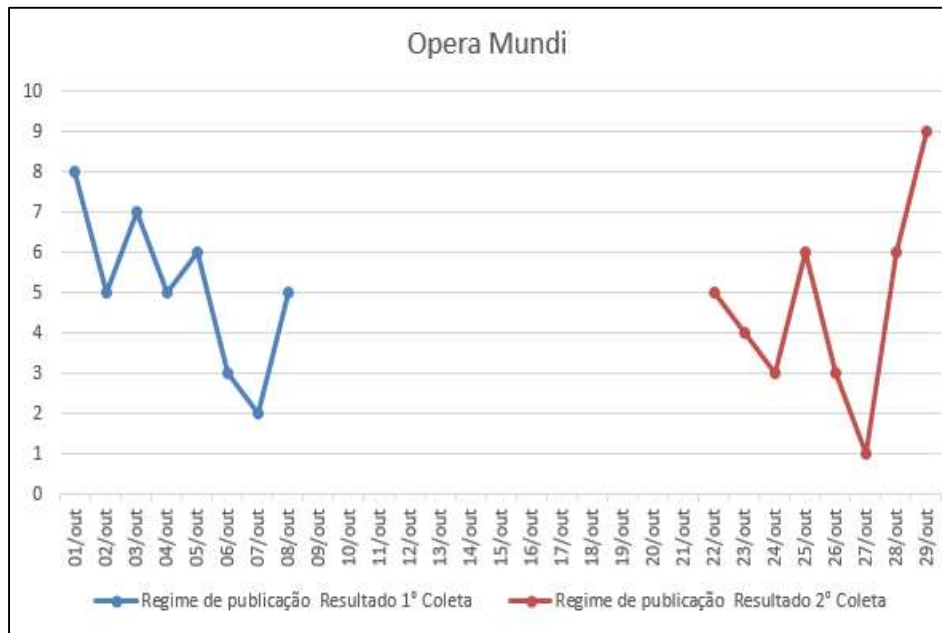
Desse modo, em relação à periodicidade, a conclusão é que:

o regime de publicação responde muito melhor ao que se faz hoje no processo produtivo do jornalismo. Periodicidade já não alcança. Isso se dá porque a lógica da instância da circulação também incide no ritmo de publicação (FIGARO et al., 2021, p. 439).

Outro exemplo pode ser verificado com o regime de publicação do arranjo independente e alternativo Opera Mundi (<https://operamundi.uol.com.br/>). Este veículo busca explorar o chamado jornalismo segmentado com a produção e curadoria de conteúdos internacionais que não costumam ser veiculados em outros arranjos ou na chamada imprensa internacional. É uma equipe pequena de jornalistas dedicada à cobertura e interpretação de informações internacionais, sobretudo, sobre política, economia e movimentos sociais.

O Gráfico 2 mostra um regime de publicação bem diversificado no site, cujas datas de maior publicação são respectivamente 01 e 29 de outubro. Aqui a pauta das eleições brasileiras foi tratada na perspectiva das relações internacionais, sem deixar de abordar temas exógenos à pauta nacional. A falta de uma métrica pré-estabelecida a ser cumprida, com x ou y publicações dia (hora ou minuto) está relacionada à identidade do arranjo jornalístico, também na rede de apoio que lhe dá sustento e em sua capacidade de buscar fontes, apurar e publicizar. As condições de produção no digital permitem muitas publicações em um só dia; e nenhuma publicação em outro.

**Gráfico 2 – regime de publicação Ópera Mundi**



Fonte: Arquivo CPCT, 2018. Regime de Publicação do site Opera Mundi no período da coleta semana do primeiro turno e semana do segundo turno.

**Tabela 1 – Regime de publicação no Facebook do Opera Mundi**

Facebook 1º turno 01/10 a 08/10	Opera Mundi	Facebook 2º turno 22/10 a 29/10	Opera Mundi
Post totais	699	Post totais	946
Post autor	81	Post autor	74
01/10/18	13	22/10/18	13
02/10/18	13	23/10/18	10
03/10/18	10	24/10/18	9
04/10/18	11	25/10/18	10
05/10/18	11	26/10/18	11
06/10/18	4	27/10/18	3
07/10/18	4	28/10/18	6
08/10/18	15	29/10/18	12

Fonte: Arquivo CPCT, 2018. Regime de Publicação do Facebook do Opera Mundi no período da coleta semana do primeiro turno e semana do segundo turno.

A Tabela 1 mostra fluxo diário bem equilibrado de publicação no Facebook, com um regime de publicação bastante compassado, demarcando inclusive os finais de semana. As quatro segundas-feiras abrangidas pelo tempo de coleta mostram que este é um dia de fluxo maior do regime de publicação no Facebook. Como veículo que tem suas especificidades de forma, linguagem e circulação, a página no Facebook do Opera Mundi tem regime de publicação adequado a esse canal e totalmente diferente do que se apresenta no site. As atualizações, as republicações indicam um regime de publicação motivado pela circulação na rede e pelos comentários e curtidas. Portanto, são lógicas diferentes que atuam na definição do regime de publicação.

É preciso ressaltar que o regime de publicação não é inerente ao *médium* (FIGARO, SILVA, 2020), materializa-se como aspecto dele, mas sua origem tem a ver com as condições de produção e a forma como circula o capital (GROHMANN, 2020). A produção jornalística digital está cada vez mais conformada por determinada maneira à qual as empresas de plataformas manejam seus interesses comerciais monopolistas. Esse é um aspecto que intervém no processo produtivo do jornalismo bem como em sua circulação.

O ritmo ditado pela monetização, advindas das interações dos cliques, dos acessos, incide sobre as formas do fazer jornalístico também dos arranjos do trabalho dos jornalistas. A instância de circulação<sup>8</sup> concretizada em termos de botões e ferramentas para compartilhamento e participação estão disponíveis nos sites dos arranjos e incorporadas nas formas oferecidas pelas páginas do Facebook e do Twitter.

Desta feita, tais aspectos devem ser considerados como fator que incide na noção de atualidade no jornalismo. A atualidade não pode ser descaracterizada de sua vinculação ao processo socioeconômico e de desenvolvimento das forças produtivas. Por isso, trata-se da noção social de tempo e a categoria de regime de publicação atende de forma mais ampla e adequada às mudanças que estamos vivenciando.

---

<sup>8</sup> Tratamos das instâncias de seleção, composição e circulação em Figaro, R. et. Al 2021; e em Figaro, R. 2020b.

## Considerações finais

Este artigo discutiu as noções de tempo e de periodicidade como aspectos fundamentais da atualidade no jornalismo. Estrutturamos nossa argumentação no que Groth, Genro Filho, Marques de Melo, entre outros afirmam sobre a atualidade ser o eixo estruturante do discurso jornalístico.

No século XX, a lógica industrial cunhou nossa noção de periodicidade da informação. Com as mudanças nos processos produtivos tecnológicos, a sociedade vai adquirindo outras noções sobre o tempo. A circulação imediata, o acontecimento em tempo real de transmissão exige a construção de outras categorias para nos reportamos ao tempo no jornalismo.

A pesquisa sobre a produção jornalística de 30 arranjos alternativos e independentes da grande mídia impulsionou nossa observação aos dados sobre o ritmo e constância nas publicações. O levantamento na forma de quantificação das publicações em gráficos e tabelas comprovou a intermitência temporal nas matérias, exigindo que se configure outra categoria para se denominar a atualização do produto jornalístico. A periodicidade não dá conta do que acontece na sistemática de atualizações.

Assim, após um levantamento bibliográfico, adotamos o conceito de regime de publicação, inicialmente formulado por Roger Chartier (1999) e também em uso por um conjunto de outras apropriações para nomear processos editoriais que compreendem desde a autoria, edição e circulação. Nossa proposta é de que passemos a utilizar regime de publicação ao invés de periodicidade quando tratemos do jornalismo em veículos *online*.

O uso do termo regime de publicação no estudo aplicado que realizamos mostrou-se muito produtivo. Outros estudos empíricos merecem ser feitos, para testar a conceituação construída e aqui proposta em relação ao regime de publicação como categoria que suplanta a noção de periodicidade no jornalismo feito e propagado na internet. Esse desafio, oferecemos aos colegas pesquisadores.

---

## Referências

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1999.

FIDALGO, Antonio. Jornalismo on-line segundo o modelo de Otto Groth. In **Pauta Geral** nº6, 2004. Salvador; Calandra, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-groth-jornalismo-online.pdf>

FIGARO, Roseli. (org.) **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídias**. São Paulo: ECA-USP : Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2018.

FIGARO, Roseli et al. **Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.

FIGARO, Roseli. Regime de publicação, cronotopo e instâncias de seleção, composição e circulação: categorias teórico-metodológicas de análise da produção jornalísticas dos arranjos nativos digitais. **Anais do XX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação**, no 43. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2785-1.pdf>

FIGARO, Roseli. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: CPCT/ECA-USP, 2018a. Disponível em: <http://twixar.me/LqC3>.

FIGARO, Roseli. Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas. **Galáxia**. Revista da Pós-graduação em Comunicação e Semiótica. N. 38, 2018b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/35905>

FÍGARO, Roseli; GROHMANN, Rafael. Dispositivos comunicacionais no mundo do trabalho: uma revisão teórica para operacionalizar o conceito. **Comunicação e Inovação**, v. 18, n, 38 2017. UMSC. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/4669](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/4669)

FIGARO, Roseli; SILVA, Ana Flávia Marques da. A comunicação como trabalho no Capitalismo de plataforma: O caso das mudanças no jornalismo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 101-115, abr./jul. 2020. <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v39i1.38566>

FRANCISCATO, Carlos. O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. **BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH** - Volume 11 - Número 2 – 2014. <https://doi.org/10.25200/BJR.v10n2.2014.741>

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Editora Ortiz, 1987.

GROHMANN, Rafael. A Comunicação na Circulação do Capital em Contexto de Plataformização. **Liinc em Revista, [S. l.]**, v. 16, n. 1, p. e5145, 2020. DOI:

---

10.18617/liinc.v16i1.5145. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5145>. Acesso em: 10 ago. 2021.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamento da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. Cortez Editora. São Paulo. 2001.

MARQUES DE MELO, José. Conceito, categorias e gêneros do jornalismo. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais**. Rio de Janeiro, São Paulo: PUC-Rio, Loyola, 2020.

MEDITSCH, Eduardo; SPONHOLZ, Liriam. Bases para uma Teoria do Jornalismo 2.0. **Observatório da Imprensa**, 26 de nov. de 2011. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/bases-para-uma-teoria-do-jornalismo-20/>

SEIXAS, Lia. Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos. **Galaxia**. (São Paulo, Online), n. 25, p. 165-179, jun. 2013. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/10461>

XAVIER, Cintia; PONTES, Felipe S.. As características dos jornais como poder cultural: releituras da teoria do jornalismo proposta por Otto Groth. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.** 42 (2) • May-Aug 2019 • <https://doi.org/10.1590/1809-5844201922>

XAVIER, Joicymara. Et al. Engenharia de Confiabilidade de Software: Um mapeamento sistemático da última década. **IV Simpósio Brasileiro de Engenharia de Sistemas Computacionais / Trilha de Sistemas Operacionais (SBESC)**. © 2014 Sociedade Brasileira de Computação. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/273143917\\_Engenharia\\_de\\_Confiabilidade\\_de\\_Software\\_Um\\_mapeamento\\_sistematico\\_da\\_ultima\\_decada](https://www.researchgate.net/publication/273143917_Engenharia_de_Confiabilidade_de_Software_Um_mapeamento_sistematico_da_ultima_decada) Acesso: em 06/08/2021.